



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES**

MARCOS AFONSO PONCE LEON DE LIMA

**SATÃ E ÍBLIS. A REPRESENTAÇÃO DO MAL NO
CRISTIANISMO E NO ISLAMISMO**

**JOÃO PESSOA
2018**

MARCOS AFONSO PONCE LEON DE LIMA

SATÃ E ÍBLIS. A REPRESENTAÇÃO DO MAL NO CRISTIANISMO E NO ISLAMISMO

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito para
obtenção do título de Bacharel em
Ciências das Religiões pela Universidade
Federal da Paraíba – UFPB.

Prof^a. Orientadora Dra. Maria Lúcia
Abaurre Gnerre

JOÃO PESSOA
2018

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

L732s Lima, Marcos Afonso Ponce Leon de.

SATÃ E ÍBLIS. A REPRESENTAÇÃO DO MAL NO CRISTIANISMO E
NO ISLAMISMO / Marcos Afonso Ponce Leon de Lima. - João
Pessoa, 2018.

30 f.

Orientação: Maria Lúcia Abaurre Gnerre.
Monografia (Graduação) - UFPB/Educação.

1. Satã; Íblis; Demônio; Cristianismo; Islamismo. I.
Gnerre, Maria Lúcia Abaurre. II. Título.

UFPB/BC

MARCOS AFONSO PONCE LEON DE LIMA

SATÃ E ÍBLIS. A REPRESENTAÇÃO DO MAL NO CRISTIANISMO E NO ISLAMISMO

Trabalho de conclusão de curso submetido à Banca Examinadora designada pelo Curso de Graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba como requisito para obtenção do grau de Bacharelato em Ciências das Religiões.

BANCA EXAMINADORA

Assinatura: _____

Prof^a. Dra. Maria Lúcia Abaurre Gnerre
(Orientador)

Assinatura: _____

Prof^a. Ms. Ana Cândida Vieira Henriques

Assinatura: _____

Prof. Dr. Matheus da Cruz e Zica

Prof^a. Dr^a Ana Paula Rodrigues Cavalcant
Coordenadora Curso Ciências
das Religiões CGCR/CE/UFPB
Siape 1716308

João Pessoa, 12 de junho de 2018.

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, Nivalson (*in memoriam*) e Dalvanira, sempre presentes na trajetória de educação da família, ensinando a retidão e a honestidade na construção da vida. Minha gratidão eterna.

AGRADECIMENTOS

A conclusão desta graduação é mais uma etapa vencida em minha vida acadêmica. Sempre fui uma pessoa muito próxima e apaixonada pelo “religioso”, pela “espiritualidade”, por tudo aquilo que me direciona ao Divino, e a oportunidade de cursar Ciências das Religiões se tornou uma experiência única. Recordo-me das vezes em que adquiria livros que tratavam das religiões, e as leituras, que muitas vezes atravessavam a noite e entravam pela madrugada, me aprofundavam a mente e me faziam refletir sobre muitas questões. Fui seminarista do Colégio Salesiano e o catolicismo sempre esteve presente no meu existir, e isso não foi um obstáculo para a busca e para a vivência de outras religiosidades. O curso de Ciências das Religiões deu-me a oportunidade de novas descobertas e novos entendimentos, graças aos competentes professores que em sala de aula compartilhavam seus conhecimentos com o corpo discente. Agradeço a todos eles, pelo incentivo, pelas valorosas aulas esclarecedoras, pelos “puxões de orelhas”, pela dedicação, pela amizade, pela confiança em nós depositada, pelo aconchego em seus lares, pela devoção em sua profissão. Um agradecimento especial ao Professor Matheus da Cruz e Zica, por sua paciência e incentivo na realização deste TCC, após algumas mudanças de temáticas, me direcionou no caminho mais acertado; à Professora Maria Lúcia Abaurre Gnerre por quem tenho admiração, por sua conduta em sala de aula, sempre muito atenciosa e segura de seus conhecimentos, me orientando de forma competente e paciente no decorrer da conclusão deste estudo. Agradeço do fundo do meu coração, a todos os colegas de classe, pela oportunidade de ter conhecido e convivido com vocês durante este período de minha vida. Vocês têm um lugar reservado no chão da minha alma. Agradeço também ao meu amigo Elias Fernandes, pela paciência nos assuntos religiosos, pela ajuda na informática e pelo apoio durante este curso. A minha amiga Lucília Bonfim, pelo carinho, pelos momentos de filosofia, de religiões, pela ajuda imensa no desdobramento desta pesquisa. Meu muito obrigado ao Deus que habita em mim e que saúda o Deus que existe em todos vocês. Gratidão ao Universo.

“Creio na prática e na filosofia do que se convencionou chamar de magia, e no que devo chamar de inovação dos espíritos, embora sem saber o que são, no poder de criar ilusões mágicas, nas visões da verdade nas profundezas da mente quando os olhos estão fechados; e creio... que as fronteiras da nossa mente mudam-se constantemente, que muitas mentes podem fluir em outras, por assim dizer, e criar ou revelar uma mente única, uma única energia... que as memórias são partes de uma grande memória, a memória da própria natureza.”

William Butler Yeats
Ideias do bem e do mal

RESUMO

A maioria das culturas antigas e modernas, em suas mitologias ou em suas religiões, falam do diabo ou dos demônios. Os demônios representam os desastres e doenças em seu melhor aspecto, no pior, são representações da morte e a personificação do mal. São associados às trevas e ao desconhecido, se nutrem do medo mais abissal dos homens. Em especial, Satanás é o símbolo do Inferno como oposto ao Paraíso. Os demônios estiveram presentes nas crenças de muitas civilizações e são encarados como manifestações do azar e da maldade. Entendidos também como símbolos do lado escuro do indivíduo. O presente estudo procurou construir uma análise sobre a representação do mal, na tentativa de desmitificar ou desconstruir conceitos arraigados no imaginário humano, pois a pesquisa é histórica e não religiosa, realizada através de pesquisa bibliográfica, utilizando-se a leitura sistemática e a produção de fichamentos a partir de livros, artigos e fontes eletrônicas que abordam o tema pesquisado. O estudo agora apresentado tratou de analisar as concepções dadas à figura que personifica o mal no âmbito místico do Cristianismo e do Islamismo. Íblis e Satã têm em comum o fato de representarem o mal e de se dedicarem a afastar o homem de Deus. O ser do mal, do Cristianismo, Satã, é tido como um anjo que desobedeceu a vontade de Deus, tornando-se assim um anjo caído; não há relatos na Bíblia do momento de sua criação. No Islamismo o ser que representa o mal é Íblis, um Jinn criação do próprio Alá, e não um anjo como no Cristianismo. Íblis também desobedeceu à vontade de Deus. Esta pesquisa me fez refletir ainda mais em relação ao entendimento sobre a forma como as religiões buscaram a subserviência das pessoas, criando a figura que amedronta e enfraquece os homens.

Palavras-chave: Satã; Íblis; Demônio; Cristianismo; Islamismo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 A FIGURA DO MAL NO CRISTIANISMO.....	13
2 A FIGURA DO MAL NO ISLAMISMO	18
3 ÍBLIS E SATÃ: SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS.....	23
CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
REFERÊNCIAS.....	28

INTRODUÇÃO

Acreditar em algo fora da esfera humana sempre se mostrou como uma característica intrínseca do homem. Tendo-se essa frase como premissa, pode-se considerar que a crença, seja em algo do bem ou do mal, está também arraigada nos costumes, na tradição e história da humanidade.

A maioria das culturas antigas e modernas, em suas mitologias ou em suas religiões, falam do diabo ou dos demônios.

O presente estudo procura construir uma análise sobre a representação do mal, e visa desmitificar ou desconstruir conceitos arraigados no imaginário humano, pois se trata de uma pesquisa histórica e não religiosa realizada através de pesquisa bibliográfica.

O estudo analisa as concepções dadas à figura que personifica o mal no âmbito místico do Cristianismo e do Islamismo para responder à problematização que norteia o presente estudo: Íblis e Satã, mesmo sendo ambos variantes da tradição judaica, guarda Íblis as principais características de Satã?

Para Mircea Eliade (1972, p. 8), Satanás é um mito vivo que ainda se renova a todo o momento, ‘vivo’ no “sentido de que ele fornece os modelos para a conduta humana, conferindo, por isso mesmo, significação ou valor à existência”. Os demônios representam os desastres e doenças em seu melhor aspecto, no pior, são representações da morte e a personificação do mal. São associados às trevas e ao desconhecido, se nutrem do medo mais abissal dos homens, em especial, Satanás é o símbolo do Inferno como oposto ao Paraíso.

Para Filoramo (2005, p. 21), o zoroastrismo é a mais antiga das religiões fundadas. Ele foi instituído há, pelo menos, 2.700 anos, por uma personalidade histórica, Zarathustra ou Zoroastro (de Zoroastres, a forma helenizada mais comum do avéstico Zarathushtra). Ele também é definido como masdeísmo devido ao nome de seu deus supremo, Ahura Mazda, “o Sábio Senhor”. Uma outra maneira utilizada para definir essa religião é “a Boa Religião”. Seu traço particular é o dualismo, ligado à centralidade que o Mal tem no pensamento e na vida de seus crentes: embora seja onipotente e criador, o deus supremo Ahura Mazda, ‘O Sábio Senhor’, enfrenta um deus, que é a personificação do mal.

Este universo demoníaco é dominado por Angra Mainyu, ‘espírito malévolo’ (nos textos do século IX d.C., ele aparece com o nome de Ahriman). Como Ahura

Mazda, ele também é um criador, mas sua criação é negativa. Ele está no comando do exército dos demônios, simetricamente opostos às entidades benéficas criadas por Ahura Mazda. Vive nas trevas, nos abismos, no norte e é fonte de morte, de corrupção e de doenças, com as quais desfere seu ataque contra a criação, vindo de fora e infectando-a, até que, transcorrido o tempo para a mistura dos dois espíritos, ele será anulado completamente pela força superior de Ahura Mazda. (FILORAMO, 2005, p. 29)

Dentre inúmeras passagens da Bíblia, àquelas que tratam do ser maligno, ou do mal, e sua relação com o divino, sempre despertam questionamentos que, ora são conflitantes, ora são repletos do imaginário humano, sendo que nenhum ser incitou tanto a mente da humanidade no decorrer dos séculos, nem recebeu tantas denominações, como esse ser, considerado o mal personificado. Asmodeu, Azazel, Belzebu, são algumas denominações dadas pelo antigo povo hebreu. Íblis, para os muçulmanos, Arimã ou Angra Mainyu para os adeptos do Zoroastrismo na Pérsia, ou simplesmente Lúcifer, o Rabudo, o Cão, o Capeta, o Capiroto. Este ser é Satanás, o Demônio, o Diabo, uma das figuras mais intrigantes que povoa o imaginário dos homens.

Seguindo os trabalhos de Filoramo, esse fato histórico, de ser o zoroastrismo a primeira religião fundada, a primeira representação do ser do mal teria surgido no século VI a.C., na Pérsia, na figura de Angra Mainyu ou Ahriman. É considerada como a primeira manifestação de monoteísmo ético.

Para Kindersley (2012, p. 190), o Zoroastrismo é uma das primeiras religiões a reconhecer o Bem e o Mal como forças opostas. Ahriman, símbolo do mal, influenciou o conceito de Satanás no judaísmo e no Cristianismo.

Segundo Bartlett (2011, p. 89), o Zoroastrismo foi fundado pelo profeta Zoroastro, floresceu no século VI a.C. na Pérsia pré-islâmica. Sua mitologia é documentada nos textos dos livros sagrados Avesta e Gatha.

No mito da Pérsia, Zurvan Akarana era um ser primordial, existia antes da existência humana e fecundou a si próprio para criar gêmeos em seu ventre, cujos nomes são Ahriman e Ahura Mazda. Ahriman é a personificação do mal, da morte e da escuridão, Ahura Mazda é senhor da Luz. Ahriman governava e criava as forças destrutivas do universo e usava demônios, tempestades e doenças para forçar os adoradores de Ahura Mazda a adora-lo em seu lugar (BARTLETT, 2011, p. 95).

Os demônios estiveram presentes nas crenças de muitas civilizações e são

encaradas como manifestações do azar e da maldade. Entendidos também como símbolos do lado escuro do indivíduo, foram usados para explicar as doenças mentais. Em muitos casos, são inextricavelmente ligados às superstições religiosas e à necessidade humana de compreender por que coisas ruins acontecem num mundo em que Deus, intrinsecamente bom, é supostamente onipotente. Diante deste cenário tem-se que, boa parte do simbolismo associado aos diabos e demônios é vinculada ao combate entre o Bem e o Mal.

Para os egípcios, o deus Seth simboliza o mal, é o deus do caos, das tempestades e da guerra. O termo satanismo provavelmente deriva de “Setanismo”, a adoração de Seth. (KINDERSLEY, 2012, p. 190)

Para Wilkinson (p. 338), o deus do Mundo Subterrâneo geralmente é uma figura sombria e temida pelos homens. Na Grécia, o deus Hades, ao contrário de outras divindades gregas, nunca era representado pelos artistas, era invisível, o que aumentava o terror e o mistério que inspirava. Os romanos viam seu equivalente, Plutão, como um rei assistido em seu reino por deidades¹, como as Fúrias. Essa tríade de deusas infligia os tormentos a que eram submetidos os que em vida haviam cometido atos terríveis.

Ainda segundo Wilkinson (p. 338), muitos mitos mencionam os desagradáveis assistentes do soberano do Mundo Subterrâneo. A entrada do Mundo Subterrâneo clássico era guardada por Cérbero, um cão de três cabeças. O rei celta do mundo dos mortos, Arawn, era seguido por um séquito de demônios. Para os finlandeses era Tuoni o soberano do mundo do além, um bando de crianças pavorosas, doenças e monstros os acompanhava. A região dos mortos nos mitos das civilizações orientais também era habitada por demônios.

Na teologia islâmica, Íblis seria o correspondente ao Diabo da teologia cristã. Ele tem sua criação e natureza repetidamente descrita em várias Suras², no próprio Alcorão, o que o faz mais autêntico teologicamente. As duas criaturas representam o mal e se dedicam a afastar o homem do Criador.

Para a maioria das pessoas o Diabo ainda é a fonte de todo o mal existente, e

¹ Deidade: Conjunto de forças ou intenções que materializam a divindade. É a fonte de tudo aquilo que é divino.

Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/deidade/> Acesso 24/04/2018.

² Sura, surata ou surat é nome dado a cada capítulo do Alcorão. O livro sagrado da religião islâmica possui 114 suras por sua vez subdivididas em versículos (ayat). As suras não se encontram ordenadas por uma ordem cronológica de revelação. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Sura> Acesso em 30 de junho de 2017.

elas esperam, temerosas e ansiosas, pelo dia do Juízo final em que Deus retornará à terra para exterminar seu inimigo mortal, o ser do mal, tenha ele uma denominação judaica, cristã ou islâmica. Nestas religiões, conforme o exposto, o mal encarna a figura de um indivíduo que se opõe a Deus e busca atormentar os crentes destas tradições religiosas.

Muito embora as denominações sejam inúmeras, o que ele representa é apenas uma única manifestação de uma crença: o mal. Da mesma forma, e em sentido oposto, o homem acredita na força única do bem, e nas entidades que o representam, que são os arcanjos, anjos e querubins.

Na disciplina Ocultismo Magia e Artes Divinatórias, a temática mística oferece subsídios interessantes em relação às crenças, sejam do mal ou do bem. Astrologia, satanismo, quiromancia, tarô foram temas que possibilitaram conhecimentos acerca dos rituais e liturgias de cada uma delas.

No que se refere aos procedimentos práticos, este trabalho é um estudo de natureza bibliográfica acerca da temática “SATÃ E ÍBLIS: A REPRESENTAÇÃO DO MAL NO CRISTIANISMO E NO ISLAMISMO”, que visa alcançar os objetivos propostos. A pesquisa foi realizada por meio de leitura sistemática e produção de fichamentos a partir de livros, artigos e fontes eletrônicas que abordam o tema pesquisado.

De acordo com Lakatos e Marconi (1995, p.54) “A pesquisa bibliográfica não é uma mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob um novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras”. Esta modalidade de metodologia é definida também por Antônio Joaquim Severino da seguinte forma:

A pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhados por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir das contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos. (SEVERINO, 2007, p. 122)

Com base nos estudos dos autores supracitados, o T.C.C. foi desenvolvido da seguinte forma: o primeiro capítulo foi denominado “A figura do mal no Cristianismo”,

o segundo, “A figura do mal no Islamismo” e, por fim, no terceiro capítulo, analisam-se as semelhanças e diferenças entre as duas tradições.

O tema protagoniza uma pesquisa importante, pois permite a leitura sobre a possibilidade da união da espiritualidade das duas maiores Religiões da humanidade, o Cristianismo e o Islamismo, expressa na figura de um Ser do Mal. E ainda, a complexidade de conteúdo é pouco explorada nas pesquisas acadêmicas, o que torna mais relevante a realização do presente estudo.

1 A FIGURA DO MAL NO CRISTIANISMO

Dentro da teologia cristã, o Diabo foi moldado num mesmo personagem, foi transfigurado na serpente do Éden, no Satanás hebraico dos livros do Antigo Testamento e no Demônio tentador dos Evangelhos.

Na Bíblia está escrito que no Evangelho de João (1:3 p. 948): “Todas as coisas foram feitas por Ele: e nada do que foi feito, foi feito sem Ele”; numa passagem da Epístola de São Paulo aos Colossenses (1:3 p. 1043) consta: “Porque por Ele foram criadas todas as coisas nos céus e na terra, visíveis e invisíveis, quer sejam os Tronos, quer sejam as Dominações, quer sejam os Principados, quer sejam as Potestades: tudo foi criado por Ele e para Ele”; e no livro da Gênesis (1:31 p. 4) podemos ler: “E viu Deus todas as coisas que tinha feito, e eram muito boas, e da tarde e da manhã se fez o dia sexto”. Diante destas passagens, decorre a seguinte afirmação: algo aconteceu para que um ser criado por Deus se tornasse o Diabo, o acusador, um ser do mal.

Para entender o que teria acontecido, podemos tomar como base duas passagens dos livros de Isaías e Ezequiel no Antigo Testamento. Observemos a passagem do livro de Isaías:

Aonde foi parar a sua vaidade? Onde está agora a música das suas harpas? Elas estão aqui no mundo dos mortos, aonde você vai se deitar em cima de vermes e vai se cobrir com bichos. Rei da Babilônia, brilhante estrela da manhã, você caiu lá do céu! Você que dominava as nações, foi derrubado no chão! Antigamente você pensava assim: Subirei até o céu e me sentarei no meu trono acima das estrelas de Deus. Reinarei lá longe no Norte, no monte onde os deuses se reúnem. Subirei acima das nuvens mais altas e serei como o Deus Altíssimo. Mas você foi jogado no mundo dos mortos, no abismo mais profundo. (BÍBLIA, Isaías, 14, 11-15 p. 612)

No livro de Ezequiel podemos encontrar a seguinte passagem:

Esta palavra do Senhor veio a mim: Filho do homem erga um lamento a respeito do rei de Tiro e diga-lhe: Assim diz o soberano Senhor: Você era o modelo de perfeição, cheio de sabedoria e de perfeita beleza. Você estava no Éden, no jardim de Deus. Todas as pedras o enfeitavam: sárdio, topázio, e diamante, berilo, ônix e jaspe, safira, carbúnculo e esmeralda. Seus engastes e guarnições eram feitos de ouro; tudo foi preparado no dia em que você foi criado. Você foi ungido como um querubim guardião, pois para isso eu o determinei. Você estava no monte santo de Deus e caminhava entre

as pedras fulgurantes. Você era inculpável em seus caminhos desde o dia em que foi criado até que se achou maldade em você. Por meio do seu amplo comércio, você encheu-se de violência e pecou. Por isso eu lancei em desgraça para longe do monte de Deus, e eu o expulsei, ó querubim guardião, do meio das pedras fulgurantes. Seu coração tornou-se orgulhoso por causa da sua beleza e você corrompeu a sua sabedoria por causa do seu esplendor. Por isso eu o atirei à terra: fiz de você um espetáculo para os reis. Por meio dos seus muitos pecados e do seu comércio desonesto você profanou os seus santuários. Por isso fiz sair de você um fogo, que o consumiu, e eu reduzi você a cinzas no chão, à vista de todos os que estavam observando. Todas as nações que o conheciam ficaram chocadas ao vê-lo. Chegou seu terrível fim “você não mais existirá. (BÍBLIA, Ezequiel 28, 11-19 p. 731)

Apesar de serem profecias inicialmente dirigidas aos reis de Babilônia e de Tiro, tais passagens tomam proporções que vão muito além do que poderia ser afirmado a respeito de qualquer ser humano, e por isso podem ter sido tomadas como referências à origem de Satanás.

Segundo Dück (2013, p. 136), Satanás é uma figura muito pequena no Antigo Testamento. Há dúvidas sobre o conceito dos escritores bíblicos do Antigo Testamento a respeito de Satanás, pois as referências a ele são poucas e não são muito elucidativas.

Satanás é mera criatura de Deus agindo sob seu comando e é retratado como adversário geral, como acusador legal, que testa a fidelidade do povo de Deus. A ele se atribui a responsabilidade de atos supostamente malignos que os autores do Antigo Testamento pretendem desvincular de Deus. Em Isaías (45:5-7) está escrito “Eu sou o Senhor, e não há outro, fora de mim não há Deus; eu te cingirei, ainda que tu não me conheças, para que se saiba desde o nascente do sol, e desde o poente, que fora de mim não há outro, eu sou o Senhor, e não há outro. Eu formo a luz, e crio as trevas, eu faço a paz, e crio o mal, eu, o Senhor, faço todas estas coisas”, e diante de um monoteísmo que atribui tudo à soberania de Deus, um Satã não é visto como a origem ou causa do Mal no Antigo Testamento. (DÜCK, 2013, p.140)

Já no Novo Testamento descrevem-se terríveis batalhas em que o diabo trava uma intensa guerra contra Deus. Os demônios passam a fazer parte de uma legião de seres espirituais malignos, chefiados por um líder supremo. Em uma dessas batalhas, podemos destacar uma descrição em que Lúcifer e um terço dos anjos são expulsos dos céus. No final do Livro do Apocalipse (20:1-3), em uma guerra entre os anjos, o Diabo é aprisionado e lançado nas profundezas do abismo por mil anos. No

evangelho de Mateus (4:1-11), o Diabo aparece como tentador de Jesus, ora no deserto, ora em um templo, ora em uma montanha. Desafia Jesus a realizar milagres e lhe promete os reinos do mundo. Essa narrativa se repete no evangelho de Lucas (4:1-13). Não existe uma descrição do Diabo e sua identidade continua desconhecida.

A versão do anjo rebelde, 'Primeiro entre os Caídos', foi definida mais pelo poema épico religioso "Paraíso Perdido", de John Milton, que marcou profundamente a construção desta nova imagem do príncipe das trevas, do que pela Bíblia. É uma epopeia inspirada na gênese bíblica composta por doze cantos ou livros. A obra descreve a história cristã da queda do homem, através da tentação de Adão e Eva por Satanás, e a expulsão deles do Jardim do Éden.

Em mais de dez mil linhas de versos, Milton conta a história da guerra no céu e da expulsão do Éden. O poema começa com Satanás, o 'Anjo Traidor', lançado no inferno depois de se rebelar contra seu criador, Deus. Recusando-se a submeter-se ao que ele chama de 'a Tirania do Céu', Satanás procura vingança, atentando ao pecado a criação preciosa de Deus: o homem. Milton construiu um vívido relato da 'Primeira Desobediência do Homem' antes de oferecer um guia para a salvação e transformou Lúcifer em um guerreiro poderosíssimo e carismático, preocupado em destruir o homem, como vingança por seu exílio.

O filósofo Vilém Flusser (1965, p. 16), em seu livro "A História do Diabo", procura suspender os nossos preconceitos a respeito do Diabo, e afirma que nós, ocidentais, somos produtos de uma tradição oficial que, por assim dizer, 'pinta o diabo com cores negativas', como opositor de Deus, como espírito sedutor, enganador e aniquilador de almas. Em relação a Deus, o autor considera que é pura energia e não tem dimensão espacial nem temporal, e assim, separa um pedaço de si mesmo e cria o Céu e a Terra, dando início ao Tempo e ao Espaço.

Flusser tenta compreender a civilização ocidental através de uma análise metafórica da relação entre Deus e o Diabo, afirmando que o mundo é o resultado de ações diabólicas, onde o Diabo monta seu palco para procriar vida, inventa cada pecado para, através dele, promover o progresso da humanidade, confundir o homem e fazer avançar. O Tempo se apresenta como princípio da modificação, do progresso, da transformação da realidade em imaginação, nesse sentido, o Tempo é o próprio Diabo. A atividade demoníaca é avassaladora a ponto de arrastar a humanidade para mais próxima do Diabo do que de Deus. É mais fácil seguir o

Diabo em um projeto claro do que escolher o caminho obscuro do divino. O filósofo não escreve contra Deus, mas sobre o Diabo: um Diabo perigoso que, sendo criminoso, se transforma em artista e vice-versa, cria leis para poder infringi-las a fim de criar novas leis.

A sabedoria da igreja ensina que o Diabo recorre aos chamados 'sete pecados capitais' para seduzir e aniquilar as almas dos homens. Flusser usa estes pecados para explicar a aventura do homem na terra que, em sua interpretação, é a história do próprio Diabo. Para o autor Soberba é consciência de si mesmo; Avaréza é economia; Luxúria é instinto ou afirmação da vida; Gula é melhora do padrão de vida; Inveja é luta pela justiça social e liberdade política; Ira é recusa a aceitar as limitações, a vontade humana e, portanto, é dignidade; Tristeza ou preguiça é o estado alcançado pela meditação calma da filosofia (FLUSSER, 1965, p 20).

Para Flusser, toda tentativa de transcender, superando tempo e espaço, é a busca de retorno ao divino, e toda a tentativa de se conservar no tempo e no espaço é uma ação que foge da transcendência, logo, é uma ação do Diabo. O Divino age dentro do mundo fenomenal para dissolver e salvar o mundo, transformando-o em intemporalidade. O Diabo age no mundo fenomenal para mantê-lo e impedir sua salvação.

Para Umberto Eco (2007, p. 30), o belo é exposto através de formas harmônicas e proporcionais. O feio é tudo aquilo que não é o belo. E aquilo que não é o belo torna-se o intolerável. Em seu livro a "História da feiura", o autor constrói uma narrativa percorrendo a Antiguidade até os dias contemporâneos, através de cenas de morte, de quartos escuros, de flores podres, de abismos sem fim, de dor e de medo. Uma legião de monstros, de deformidades, de loucos, de seres malignos, de diabos, de bruxas. Os valores estéticos, o belo e o feio, são tão variáveis quanto as formas que assumiram no decorrer dos tempos. Na Idade Média, a literatura apocalíptica divulgou o mal através da agonia dos mortos, do dia do Juízo Final e do inferno. No Apocalipse de João, último livro da Bíblia, nenhum detalhe é poupado quando o assunto é o diabo, o inferno e as penas insuportáveis destinadas aos pecadores. O Apocalipse não foi o único responsável pela divulgação das imagens infernais. Nesse período, houve grande interesse por estes temas e foram produzidas muitas narrativas com descrições do inferno.

Os relatos bíblicos não revelam a criação de um Ser do Mal, Satanás ou o Diabo, mas, em várias passagens do Velho Testamento, ele surge como uma

espécie de colaborador que recebe a autoridade divina para punir ou testar os seguidores de Deus que, por sua vez, é o sujeito que opera todas as coisas, segundo as palavras de Isaías (45:7), não existindo uma divindade específica que opere o mal, este provém da mesma causa, Deus. No Novo Testamento não existe uma descrição do Diabo e sua identidade continua desconhecida; a versão do anjo rebelde, 'Primeiro entre os Caídos', foi definida mais pelo poema épico religioso "Paraíso Perdido", de John Milton, do que pela Bíblia.

Em tempos bem mais modernos, o filósofo Flusser descreveu uma saga diabólica através de um enredo que envolve uma trindade, Deus, o Diabo e o Homem, e os sete Pecados Capitais são utilizados para descrever a história humana na terra, ora seguindo na trilha traçada por Satã, ora se aproximando novamente de Deus. Já para Umberto Eco, na sua história da Feiura, o belo e o feio são tão variáveis quanto as formas que assumiram no decorrer dos tempos e, ao longo da história da humanidade, o feio ficou quase sempre do lado do Demônio.

Esta Figura do mal está presente também no Islamismo, e será tema do capítulo seguinte.

2 A FIGURA DO MAL NO ISLAMISMO

Na teologia islâmica Íblis corresponde ao diabo da teologia cristã, e ambos caracterizam a personificação do mal nestas duas tradições religiosas. As semelhanças entre eles são claras e as distinções difíceis de serem percebidas.

No Alcorão encontra-se a seguinte passagem:

E criamos-vos e demos-vos forma e dissemos, então, aos anjos: “Prostrais-vos ante Adão”. Todos se prostraram, exceto Íblis. Perguntou-lhe Deus: Que te impede de te prostrar quando tal é minha ordem? Respondeu: Sou superior a Adão. Criaste-me do fogo, e a ele criaste-o do barro. (ALCORÃO, Sura 7, 11-12, p. 76)

Íblis tem sua criação e natureza repetidamente descrita em várias Suras, no próprio Alcorão, o que o faz mais autêntico teologicamente.

O Demônio é reconhecido como um anjo caído, enquanto Íblis é um Jinn, um gênio, uma entidade que o Islamismo herdou da mitologia árabe, anterior à chegada do Islã. Jinn é um espírito ou uma força invisível, ele não é a alma de uma pessoa viva ou morta, nem é totalmente demoníaco. De acordo com o Alcorão (Sura 15:27 p. 134; 55:15, p. 293), os Jinns foram criados por Alá e, ao contrário da humanidade, não de barro de fundo sólido, mas do fogo sem fumaça.

Segundo Bartel, os Jinns formam uma raça especial de seres não humanos, criados antes de Adão. Em vários aspectos, no entanto, eles seriam como homens. Eles comem, bebem e procriam sua espécie na terra, inclusive através de conexões sexuais com os homens. Eles estão sujeitos à morte, e alguns deles, como os Jinns do Profeta Muhammad, irão para o paraíso após a morte. Além disso, não teria formas fixas, mas podem assumir qualquer forma que eles venham a apreciar. A capacidade de transformação em outros seres os habilita em aparecer como homens, cabras, gatos, cães, burros, tartarugas, ou outros animais, inclusive monstros de sete cabeças. (BARTEL, 2009, p. 2 e 3)

Para Campbell (2007, p. 98), na Arábia pré-maometana, os Jinn (singular: m. Jinni; f. Jinniyah), eram fantasmas-demônios dos desertos e de locais selvagens. Peludos e disformes, ou com formas de animais, avestruzes ou serpentes, mostravam-se muito perigosos diante de pessoas desprotegidas. O profeta Maomé admitiu a existência desses espíritos bárbaros (ALCORÃO, Sura 37:158), e os incorporou ao sistema maometano, o qual reconhece três inteligências criadas sob

Alá: Anjos compostos de luz; Jinn de fogo sutil; e o Homem, composto pelo pó da terra. Os Jinn maometanos têm o poder de assumir a forma que quiserem desde que respeitando sua essência de fogo e fumaça e, assim, podem tornar-se visíveis aos mortais. Há três ordens de Jinn: voadores, caminhadores e mergulhadores. Supõe-se que vários deles aceitem a Fé Verdadeira, sendo considerados bons; os demais são maus. Estes últimos vivem e trabalham em estreita ligação com os Anjos Caídos, cujo chefe é Íblis (o Desesperador).

De acordo com Filoramo, (2005, p. 136 – 140), entre Deus e o homem, o Alcorão coloca, tal como nas escrituras dos judeus e dos cristãos, criaturas espirituais intermediárias: anjos, demônios e Jinn. Os anjos são citados com frequência no Alcorão, são descritos como criaturas aladas que se movem entre o céu e a terra na qualidade de intermediários entre Deus e os homens. E ainda, foram criados para adorar, glorificar e servir o Senhor, tendo como uma de suas funções principais levar aos homens mensagens de Deus, sendo assim o modelo perfeito da obediência. São vistos como incapazes de pecar, ainda que haja notáveis exceções: Harut e Marut, os anjos caídos e, sobretudo, Íblis, o anjo rebelde que se tornou líder dos demônios. Por fim, no Alcorão os Jinn são espíritos que representam as forças da natureza, venerados e temidos desde a época pré-islâmica, foram criados do fogo antes do homem, e tal como eles, são seres inteligentes presentes na terra, convocados a adorar o Senhor e a acolher sua mensagem. Eles também aparecem nas míticas e lendárias narrativas do Alcorão, por exemplo, como aquelas que espreitam a porta do Paraíso e buscam o conhecimento do futuro (Sura 72:8-9), como escravos de Salomão, que trabalham no templo (Sura, 27:39) ou ainda, como soldados de Íblis.

Íblis se dedica à queda do homem como uma vingança contra Deus, como lemos na Sura 15:

E criamos o homem de argila seca, de barro modelável. Antes dele, havíamos criado os gênios de fogo puríssimo sem fumaça. Recordate de quando o teu Senhor disse aos anjos: Criarei um ser humano de argila, de barro modelável. E ao tê-lo terminado e alentado com o Meu Espírito, prostrai-vos ante ele. Todos os anjos se prostraram unanimemente, Menos Íblis, que se negou a ser um dos prostrados. Então, (Deus) disse: Ó Íblis, que foi que te impediu de seres um dos prostrados?
Respondeu: É inadmissível que me prostre ante um ser que criaste de argila, de barro modelável.

Disse-lhe Deus: Vai-te daqui (do Paraíso), porque és maldito! E a maldição pesará sobre ti até o Dia do Juízo.

Disse: Ó Senhor meu, tolera-me até ao dia em que forem ressuscitados!

Disse-lhe: Serás, pois, dos tolerados, Até ao dia do término prefixado.

Disse: Ó Senhor meu, por me teres colocado no erro, juro que os alucinarei na terra e os colocarei, a todos, no erro; Salvo, dentre eles, os Teus servos sinceros.

Disse-lhes: Eis a senda reta que escolhi: Sobre meus servos, nenhum poder terás, com a exceção dos que te seguirem por perversidade. A Geena será sua terra de Promissão onde todos se encontrarão. (ALCORÃO, Sura 15, 26-43, p. 134)

Segundo o Alcorão, Íblis é um ser que vivia no Paraíso, criado a partir do Fogo pelo próprio Alá. Ele é apresentado como um ser rebelde, que se recusa a se curvar diante do Homem criado do Barro. Pela sua desobediência, foi expulso do Éden.

Após sua expulsão, Íblis reivindicou a Alá que lhe concedesse tolerância até o dia da ressurreição; tornou-se inimigo da humanidade, prometeu seduzi-la colocando os homens em pecado até o dia do Juízo final.

No Livro sagrado do Islamismo, Alá amaldiçoa Íblis ao ouvi-lo dizer: “Que Deus amaldiçoou ao ouvi-lo dizer: Apoderar-me-ei de um número determinado de Teus servos e os desencaminharei dando-lhes falsas esperanças, e sob minhas ordens cortarão as orelhas do gado e desfigurarão as criaturas de Deus. Aquele que adotar Íblis como protetor em vez de Alá, sofrerá uma perda irreparável. Ele promete e cria esperanças, mas todas as suas promessas são meras ilusões” (Sura 4:118-120, p. 49).

O Alcorão também alerta o homem dos perigos do Ser do Mal: “O demônio é um inimigo para vós. Tratai-o, pois, como inimigo. Ele leva seus partidários a serem companheiros do fogo. Os que descreem receberão um castigo rigoroso. Os que creem e praticam o bem receberão o perdão e grandes recompensas” (Sura 35:6-7, p. 232).

E ainda, no Alcorão encontra-se as seguintes passagens: “E quando teu Senhor extraiu das entranhas dos filhos de Adão os seus descendentes, e perguntou-lhes: Não sou o vosso Senhor? Sim, sim, responderam, somos testemunhas. Assim não podereis alegar no dia da Ressurreição que não sabíeis”. (Sura 7:172, p. 87); “Homem, todo o bem que vem a ti é de Deus, e todo o mal que

vem a ti é de ti mesmo. Enviamos-te como Mensageiro. Basta Deus por testemunha” (Sura 4:79. p. 46); “A Deus pertence tudo quanto existe nos céus e na terra. Destina aos malvados a retribuição de suas ações e reserva suas melhores dádivas aos benfeitores.” (Sura 53:31, p. 290).

Esses três versículos podem explicar o fato de que o homem é o responsável por suas escolhas e ações, pois, se assim não fosse, não poderia ter nem recompensa e nem ser castigado. E mais, se o homem tem livre arbítrio, poderá escolher Alá ou Íblis como protetor.

Íblis executa sua vingança se dedicando à queda do homem, com a autorização expressa de Deus, isso pode ser encontrado na Sura intitulada Al-Hijr (15:41-43, p. 134): “Disse-lhes: Eis a senda reta que escolhi: Sobre meus servos, nenhum poder terás, com a exceção dos que te seguirem por perversidade. A Geena será sua terra de Promissão onde todos se encontrarão”.

Os colóquios entre Alá e Íblis nos revelam que ele, embora não exerça autoridade sobre a humanidade, exerce influência sobre a mesma. Essa influência malévola é aplicada a todos os homens, e encaminha para o inferno aqueles que se desviam das leis de Alá, e não os servos sinceros. “Aqueles que o seguirem (Íblis) terão a Geena por morada e dela nunca escaparão. Quanto aos que creem e praticam o bem, conduzi-los-emos para jardins onde correm os rios, e lá permanecerão para todo o sempre. É promessa de Deus”. (Sura 4:121-122, p. 49)

O Alcorão nos traz ainda a seguinte leitura: “Quando recitas o Alcorão, pede a Deus a proteção contra o demônio desterrado. Ele não tem poder sobre os que creem e em Deus depositam sua confiança. Seu poder só alcança os que o tomam como protetor e o associam a Deus” (Sura 16:98–100, p. 142).

Ainda sobre a não autoridade de Íblis e sua influência sobre os homens, encontramos essa passagem no Alcorão: “E quando Meu julgamento for pronunciado, dirá o demônio: Deus vos havia feito uma promessa verídica. Eu prometi, depois falhei. Pois eu não possuía autoridade sobre vós: só que vos chamei e vós me atendestes. Não me censureis: censurais-vos antes a vós mesmos. Não vos posso socorrer, nem vós me podeis socorrer. Nunca partilhei vossa crença de que eu era um associado de Deus. Aos iníquos é reservado um castigo doloroso” (Sura 14:22, p. 131).

Diante do exposto, encerramos esta abordagem enfatizando que, no Islamismo o Ser do Mal tem sua criação e natureza repetidamente descrita em

várias Suras do Alcorão.

Íblis é um Jinn criado do fogo sem fumaça antes da criação do Homem, vive em um mundo paralelo e interage com o mundo físico onde reside a humanidade, formando uma raça especial de seres não humanos que comem, bebem procriam e morrem, e por fim, existe Jinn bom e mau.

Íblis foi expulso do Paraíso por desobediência a Deus, e se dedica à queda do homem através pecado até o dia do Juízo Final.

As semelhanças e diferenças entre Íblis e Satã serão a temática do próximo capítulo.

3 ÍBLIS E SATÃ: SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS

A Bíblia não relata o momento da criação dos anjos, porém, tanto no Antigo como no Novo Testamento constam inúmeras narrativas a respeito deles em intervenções nos destinos da humanidade. No primeiro livro da Bíblia, Gênesis (3:24 p. 5), após a expulsão de Adão e Eva do paraíso, querubins foram colocados ao oriente do jardim do Éden para guardar o caminho da árvore da vida; no Livro dos Salmos (148:2, p. 506) é exaltada a louvação a Deus por todos os seus anjos e todos os seus exércitos; no evangelho de Lucas (20:34-36, p. 942), é dito que na ressurreição, os homens nem casam nem são dados em casamento, mas serão como os anjos de Deus, e ainda em Mateus (24:36, p. 891), com respeito ao dia do Juízo final, está escrito que quanto ao dia e à hora ninguém sabe, nem os anjos dos céus, nem o Filho, senão somente o Pai.

Da mesma forma não consta na Bíblia um momento de criação do Demônio. A versão do anjo rebelde, 'Primeiro entre os Caídos', foi definida mais pelo poema épico religioso "Paraíso Perdido", de John Milton, que marcaria profundamente a construção desta nova imagem do príncipe das trevas, do que pela Bíblia.

O Ser do mal no Cristianismo, o Demônio, é reconhecido como um anjo caído, enquanto o Ser do mal no Islamismo, Íblis, é um Jinn, um gênio, uma entidade que o Islã herdou da mitologia árabe, anterior a chegada do Islã; um espírito ou uma força invisível.

Na tradição islâmica um anjo jamais desobedecerá a Deus, e no Alcorão encontramos a seguinte passagem: "Ó vós que credes! Guardai-vos, a vós mesmos e a vossas famílias, de um Fogo, cujo combustível são os homens e as pedras; sobre ele, haverá anjos irredutíveis, severos: não desobedecem a Allah, à Sua ordem, e fazem o que lhes é ordenado" (Sura 66:6, p. 313). Ainda podemos observar a obediência dos anjos perante Deus: "E, diante de Allah, prosterna-se o que há nos céus e o que há na terra de ser animal, e também os anjos que não se ensoberbecem. Eles temem seu Senhor, acima deles, e fazem o que lhes é ordenado." (Sura 16:49-50, p. 139)

Logo no Islã não poderia haver anjos caídos. Os Jinns não são anjos caídos. Eles foram criados de uma chama de fogo sem fumaça. O primeiro Jinn que foi desobediente, de que se tem relato, é Íblis.

Os Jinns não seriam almas de pessoas vivas ou mortas, nem seriam

totalmente demoníacos. De acordo com o Alcorão os Jinns foram criados por Alá e ao contrário da humanidade, não de barro de fundo sólido, mas do fogo sem fumaça.

Na Surata 18, intitulada 'A Caverna', no verso 50, podemos encontrar a afirmação que Íblis é realmente um Jinn:

E quando dissemos aos anjos: Prostrai-vos ante Adão! Prostraram-se todos, exceto Íblis, que era um dos Jinns em rebelião contra seu Senhor. Ireis adota-lo, e sua descendência, como protetor em vez de Mim, apesar de serem vossos inimigos? Que péssima troca para os transgressores. O único poder que Satanás e seus cúmplices têm é implantar más sugestões; eles não têm o poder de forçar as pessoas ao mal. (ALCORÃO, Surata 18: 50, p. 154)

Tomemos a passagem bíblica do texto de Ezequiel (28:11-19, p. 731) como referências à origem de Satanás e comparemos com a Sura denominada Al-Hijr (15:26-43, p. 134) do Alcorão.

No texto de Ezequiel, Deus cria um ser que era modelo de perfeição cheio de sabedoria e de perfeita beleza. Estava no Jardim do Éden e Deus determinou que fosse ungido como um querubim guardião, um ser inculpável desde sua criação até o dia que a maldade foi encontrada nele, pois se encheu de violência e pecou. Foi expulso do Paraíso, pois seu coração tornou-se orgulhoso.

Já no texto islâmico, Deus cria o homem do barro e os Jinns de fogo puríssimo. O homem os anjos e Íblis (um Jinn) se encontravam no Paraíso. Íblis desobedeceu a Deus, que orgulhoso não se prostrou diante da criação de divina e foi expulso do Paraíso.

Nos dois textos examinados, Deus é o criador, a narrativa tem lugar no Paraíso, existem seres com maldade e desobediência. Em ambas as passagens Deus expulsa do paraíso os seres que se revelaram orgulhosos – Íblis e Satã.

Íblis e Satã têm em comum o fato de representarem o mal e de se dedicarem a afastar o homem de Deus. O ser do mal, do Cristianismo, Satã, é tido como um anjo que desobedeceu a vontade de Deus, tornando-se assim um anjo caído; não há relatos na Bíblia do momento de sua criação. No Islamismo o ser que representa o mal é Íblis, um Jinn criação do próprio Alá, e não um anjo como no Cristianismo e também desobedeceu à vontade de Deus.

Íblis tem a capacidade de influenciar os homens, mas só aqueles que

espontaneamente escolherem segui-lo, como observamos o Alcorão na Sura intitulada Al-Hijr (15:41-43, p. 134): “Disse-lhes: Eis a senda reta que escolhi: Sobre meus servos, nenhum poder terás, com a exceção dos que te seguirem por perversidade. A Geena será sua terra de Promissão onde todos se encontrarão”. Ao contrário Satã tem por objetivo corromper todas as almas, pois o próprio Jesus de Nazaré foi tentado como consta na passagem do evangelho de Mateus:

Então foi levado Jesus pelo Espírito ao deserto, para ser tentado pelo diabo. E, tendo jejuado quarenta dias e quarenta noites, depois teve fome; e, chegando-se a ele o tentador, disse: Se és Filho de Deus, dize que estas pedras se convertam em pães. Jesus respondendo lhe disse: Escrito está: Nem só de pão vive o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus.

Então tomando-o o diabo o levou à cidade santa, e o pôs sobre o pináculo do templo. E lhe disse: Se és Filho de Deus, lança-te daqui abaixo. Porque escrito está: Que mandou aos meus anjos que cuidem de ti, e eles te tomarão nas palmas, para que não suceda tropeçares em pedra com o teu pé.

Jesus lhe disse: Também está escrito: Não tentarás ao Senhor teu Deus.

De novo o subiu o diabo a um monte muito alto: e lhe mostrou todos os reinos do mundo, e a glória deles.

E lhe disse: Tudo isto te darei se, prostrado, me adorares.

Então lhe disse Jesus: Vai-te, Satanás. Porque escrito está: Ao Senhor teu Deus adorarás, e a Ele servirás.

Então o deixou o diabo: e eis que chegaram os anjos, e o serviam. (BÍBLIA, Mateus, 4, 1-11, p. 871)

Na teologia cristã, ao contrário da islâmica, ninguém está livre do assédio de Satã, o Ser do mal parece ser mais poderoso no Cristianismo, pois tem uma existência completa em si mesmo e não depende do consentimento do homem para existir. No Islã, o poder de Íblis e sua existência, só se efetivam quando o ser humano se conecta a ele, ou seja, a existência do mal só se realiza quando os seres humanos permitem.

Diante do exposto encerramos a análise acerca do mal no Islamismo e no Cristianismo, aonde vimos as semelhanças e diferenças ora se aproximam, ora distanciam, mas ambos existem em decorrência da desobediência a Deus.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um Ser do mal esteve sempre presente na maioria das culturas antigas e modernas, e em suas mitologias ou em suas religiões, mencionam o diabo ou os demônios. Os estudos realizados nesta pesquisa analisaram as concepções dadas à figura que personifica o mal no âmbito místico do Cristianismo e do Islamismo.

Como vimos, no Zoroastrismo, o deus supremo Ahura Mazda, 'O Sábio Senhor', enfrenta um deus que é a personificação do mal, e o universo demoníaco é dominado por Angra Mainyu.

Para Kindersley, essa representação do mal estaria associada a Seth, no antigo Egito e, de acordo com Wilkinson, o senhor dos mundos subterrâneos em outras culturas foram: Hades na antiga Grécia, Plutão no Império Romano, Arawn para os povos celtas, e Tuoni para os finlandeses, respectivamente.

Tanto no Cristianismo como no Islamismo, conforme o exposto, o mal encarna a figura de um indivíduo que se opõe a Deus e busca atormentar a humanidade. Na teologia islâmica Íblis corresponde ao Diabo da teologia cristã, representando o mal e se dedicando a afastar o homem do Criador.

Dentro da teologia cristã, este Ser do mal, foi moldado num mesmo personagem, transfigurado na serpente do Éden, no Satanás hebraico dos livros do Antigo Testamento, e no Demônio tentador dos Evangelhos. No Novo Testamento estão descritas terríveis batalhas nas quais o diabo trava uma intensa guerra contra Deus. Os demônios passam a fazer parte de uma legião de seres espirituais malignos, chefiados por um líder supremo.

A versão do anjo rebelde foi definida mais pelo poema épico religioso "Paraíso Perdido", de John Milton do que pela Bíblia.

Em tempos bem mais modernos, o filósofo Flusser descreveu uma saga diabólica através de um enredo que envolve uma trindade, Deus, o Diabo e o Homem, através dos sete pecados capitais, enquanto Umberto Eco preferiu descrever essa saga através da feiura.

A diferença mais marcante encontrada durante os estudos entre as duas criaturas estudadas nesta pesquisa foi a natureza delas.

O Ser do Mal no Cristianismo é reconhecido como um anjo caído, já no Islamismo é um Jinn, um gênio, que tem sua criação e natureza no próprio Alcorão.

Ao término deste estudo devo observar, como um cientista das religiões, que

o Diabo foi um ser construído ao longo da história da humanidade e que adquiriu, paulatinamente, perversidade e feiura, durante a passagem do tempo, para aprisionar cada vez mais a humanidade aos interesses políticos e religiosos do Cristianismo. Um ser maligno que aprisiona as pessoas em sua própria alma e serve de bode expiatório para redimir a culpa, que dela, ninguém quer se apropriar. O inferno, um lugar aterrorizador que sempre atormentou o homem, também foi construído de acordo com a história do homem, com os mesmos interesses de aprisionar a vida das pessoas aos planos eclesiásticos das Igrejas.

Seguindo os estudos do filósofo Vilém Flusser, procurei desfazer os preconceitos a respeito do Diabo descolorindo-o de suas cores negativas.

Como estudante do Islamismo, observei que Íblis é um ser do mal, bem menos perverso que Satã. Íblis tem a capacidade de influenciar os homens, mas só aqueles que espontaneamente escolherem segui-lo, ao contrário de Satã que ninguém está livre do seu assédio, uma vez que o próprio filho de Deus quando esteve na terra foi tentado por ele.

Na realização deste trabalho, encontrei alguns obstáculos, entre eles, a falta de bibliografias que tratassem sobre Íblis, o Ser do Mal no Islamismo. Neste aspecto o Alcorão foi a minha maior fonte de informação.

A temática utilizada neste trabalho ainda é pouco explorada, o que abre espaços para novas pesquisas no âmbito das duas maiores religiões professadas pela humanidade.

Para mim foi bastante interessante, ao longo de minha vida, o processo de desconstrução deste ser do mal que se aloja em nossas mentes. Esta pesquisa me fez refletir ainda mais em relação ao entendimento sobre a forma como as religiões buscaram a subserviência das pessoas, criando a figura que amedronta e enfraquece os homens.

Como disse Marcel Proust, “A verdadeira viagem da descoberta não é achar novas terras, mas ver o território com novos olhos”.

REFERÊNCIAS

ALCORÃO. Português. **O Alcorão** Trad. Mansur Challita. Rio de Janeiro: ACIGI, 1979. 355 p.

ALIGHIERI, Dante. **A Divina comédia**. Trad. Fábio M. Alberti. São Paulo: Nova Cultura Ltda, 2003.

BARTEL, Bruno Ferraz. **A crença em Jinns na comunidade muçulmana sunita do Rio de Janeiro**. Núcleo de Estudos sobre o Oriente Médio (NEOM). Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA). Universidade Federal Fluminense (UFF). 2009. Disponível em:
http://acsrn.org/interactivo/fscommand/GT07_FerrazBruno.pdf Acesso em 30 de junho de 2016.

BARTLETT, Sarah. **A Bíblia da mitologia: tudo o que você queria saber sobre mitologia**. Trad. Jacqueline Damásio Valpassos. São Paulo: Pensamento, 2011.

BÍBLIA. Português. **Bíblia sagrada**: contendo o antigo e o novo testamento. Tradução de Pe. António Pereira de Figueiredo; Editoração de Paulo Matos Peixoto. São Paulo – Paumape, 1979. 1102 p.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. Trad. Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Pensamento, 2007.

DÜCK, Arthur Wesley. **Satanás no Antigo Testamento**.
 revista.batistapioneira.edu.br › Capa › v. 2, n. 1 (2013) › Dück. Disponível em:
<http://revista.batistapioneira.edu.br/index.php/rbp/article/view/25/33> Acesso em 10 de abril de 2018.

ECO, Umberto. **História da feiúra**. Trad. Eliana Aguiar. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

FILORAMO, Giovanni. **Monoteísmos e dualismos: as religiões de salvação**. Trad. Camila Kintzel; organização da edição brasileira Adone Agnolim. São Paulo: Hedra, 2005.

FLUSSER, Vilém. **A história do Diabo**. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1965.

KIDERSLEY, Dorling. **Sinais & símbolos**. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

MILTON, John. **Paraíso Perdido**. Trad. António J. de L. Leitão; Fonte Digital. Digitalização do livro em papel Volume XIII Clássicos Jackson W. M. Jackson Inc., Rio, 1956 © 2013

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23ª Ed. Ver. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

WILKINSON, Philip & PHILIP, Neil. **Guia ilustrado Zahar: mitologia**. Trad. Áurea Akemi Arata; revisão técnica Miriam Sutter. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.